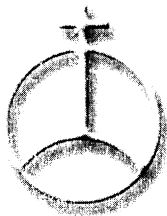


# VEREDAS

**Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**

**VOLUME 5**



**PORTO ALEGRE, 2002**



# Veredas

Revista de publicação anual

Volume 5 – Dezembro de 2002

**Diretor:**

Carlos Reis

**Diretor Adjunto:**

Sebastião Pinho

**Conselho Redatorial:**

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Claudio Guillén, Cleonice Berardinelli Fernando Gil, Francisco Bethencourt, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ría Lemaire. *Por inerência:* Amet Kébe; Ana Mafalda Leite; Ana Paula Ferreira, Benjamin Abdala Jr., Carmen Villarino Pardo; Christopher Lund, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agró; Henri Thorau; Hillary Owen; Isabel Pires de Lima, Laura Cavalcante Padilha; Maria Elsa Rodrigues dos Santos; Onésimo T. de Almeida; Regina Zilberman, Sebastião Pinho, Solange Parvaux, Helder Macedo, Carlos Reis.

**Redação:**

VEREDAS – Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Faculdade de Letras

P-3000-447 Coimbra Codex

Fax: (351) 239 410088; E.mail: ailusit@ci.uc.pt

**Realização:**

Coordenação – Regina Zilberman

Edição – Maria Isabel Daudt Giulian

Revisão – Carla Laidens; Miriam Chagas Kelm

**Autoria da capa:**

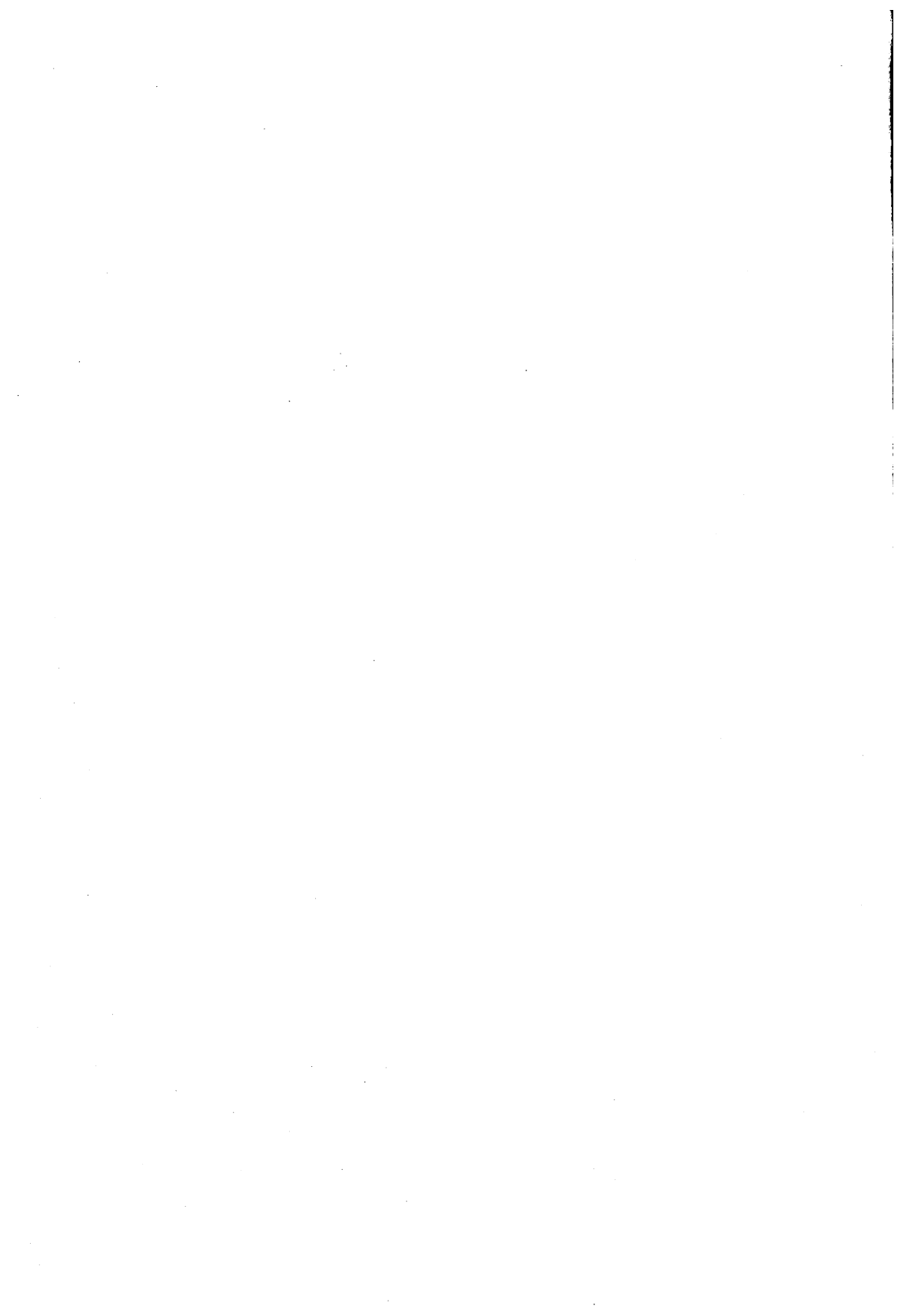
Atelier Henrique Cayatte – Lisboa

---

**Impressão e acabamento:**

EDIPUCRS – Porto Alegre, Brasil

ISSN 0874-5102



## ÍNDICE

ANNA KALEWSKA Czesław Miłosz (1911-2004) O poeta do “êxtase e transitoriedade” na tradução luso-brasileira .....	7
ANNE QUATAERT Mário de Andrade, Epstein e Marinetti em <i>A escrava que não é Isaura</i> ... ..	25
DAVID G. FRIER Viagem para as Ilhas do Sul: uma leitura de <i>A caverna</i> de José Saramago .....	41
ELENA LOSADA SOLER Um tema do discurso anticlerical no romance realista-naturalista: <i>O poder da confissão</i> .....	55
HELENA PARENTE CUNHA Jorge Amado – Escritor dos marginalizados .....	67
JOÃO RIBEIRETE A casa e poesia. Uma leitura dos contos <i>Praia, O silêncio</i> e <i>A casa do mar</i> de Sophia de Mello Breyner Andresen.....	81
LAURA TEIXEIRA MILLER Aspectos da crítica brasileira: leituras da obra de André Gide .	89
LIDIA ALMEIDA BARROS A lógica lineana das nomenclaturas zoológica e botânica dos povos indígenas do Brasil .....	105

LUÍSA ALVES	
Os lusófilos ingleses da Primeira República: esboço biográfico da Aubrey Bell e Edgar Prestage .....	123
LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL	
A terra da permissão.....	145
MARIANA PLOAE-HANGANU	
Dependentes por palavras. Problemas de tradução .....	151
MARIE HAVLÍKOVÁ	
Um livro nos livros.....	157
MICHEL LABAN	
Estatismo e dinamização em <i>Chiquinho</i> , de Baltasar Lopes .....	165
OLINDA BATISTA ASSMAR	
Coñluência de diálogos na obra dalcidiana .....	171
PAUL DIXON	
Gênero sexual e os paradigmas narrativos de Nélida Piñon .....	201
VIRGÍNIA SOARES PEREIRA	
Na Lusitânia com Mário de Carvalho. História, paródia e ironia em <i>Quatrocentos mil sestércios</i> e em <i>Um deus passeando pela brisa da tarde</i> .....	211

## Jorge Amado – Escritor dos marginalizados

**HELENA PARENTE CUNHA**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

Muito se tem falado sobre a vasta e multifacetada obra de Jorge Amado, certamente o romancista brasileiro de maior prestígio no exterior, haja vista o significativo número de suas traduções em vários países e idiomas. Entre tantas provas de seu reconhecimento e popularidade se poderia contabilizar a quantidade de adaptações de seus livros para cinema, televisão, teatro, rádio, histórias em quadrinhos, destacando-se as telenovelas, sempre com alto índice de audiência. Em meio à profusão do noticiário e das homenagens, logo após seu falecimento, em agosto de 2001, chamou-me a atenção, de modo particular, uma gravação que aparecia no vídeo, em intervalos dos programas de TV. Jorge Amado declarava, ousadamente, ser um escritor das prostitutas e dos vagabundos. E o que representa esta afirmação tão arrojada para um autor que havia recebido tantos prêmios, troféus e títulos honoríficos nacionais e internacionais?

Ao fazer aquela declaração atrevida, o escritor baiano se posicionava a favor dos marginalizados pela sociedade elitista, em geral ligada às esferas do poder e disposta às concessões éticas para manter a posição e os privilégios. Jorge Amado deu dignidade humana aos vagabundos e às prostitutas, mas também a todos os deserdados da fortuna, os trabalhadores do campo, do mar, da beira do cais, os negros, mulatos, os meninos de rua, as mães de san-

to e os filiados ao candomblé, em choque com a religião oficial. Frequentou e respeitou os orixás, trazendo-os para perto da devoção de suas personagens. Enfim, privilegiou todos aqueles que a sociedade preconceituosa via como seres inferiores, resgatando os oprimidos pelas injustiças sociais. Colocava, em primeiro plano, os princípios de solidariedade e generosidade da gente humilde, ao contrário das demonstrações de hipocrisia encontradas, tantas vezes, entre aqueles que pertenciam às classes elevadas socialmente ou que pretendiam a elas galgar, a fim de salvarem as aparências e passarem por gente refinada e da alta roda. Em vários dos seus romances, o bordel é lugar do prazer sem limite, mas ali as prostitutas são capazes de gestos de grandeza humana.

No meu entender, o enaltecimento que Jorge Amado faz dos desprezados pela ordem social representa a celebração da vida longe dos preconceitos e dos códigos comportamentais que, frequentemente, levam o indivíduo a uma vida estagnada, presa ao formulário das convenções e das mentiras, onde dificilmente cabe a espontaneidade dos sentimentos verdadeiros e da verdadeira alegria de viver.

Os vagabundos e as prostitutas, da obra amadiana, fazem parte do lado marginal do sistema repressor, de onde conseguem escapar, por seus interstícios e brechas, a fim de viverem a espontaneidade natural. Seu modo de viver agride as concepções normativas do paradigma que rejeita a diferença e se nega a aceitar as características do outro. Os vagabundos e as prostitutas insultam o dogmatismo da visão logocêntrica supostamente detentora da verdade e indiscutível formuladora das leis que regem o comportamento individual e coletivo.

Freud, em vários textos, mas sobretudo em *O futuro de uma ilusão* (1977, v. XXI) e em *O mal-estar na civilização* (1977, v. XXI), analisa o processo repressor que obriga o indivíduo a se separar da natureza, onde não há restrições ao livre curso dos instintos, impulsos e desejos. Essa liberdade para viver o princípio do prazer foi bloqueada pelos estatutos que acompanharam os rumos da civilização ao longo da história. Em *O mal-estar na civilização*, Freud mostra sua crença na capacidade da ciência para alavancar o progresso, no entanto, considera o indivíduo inimigo da civilização cerceadora do prazer.

Sérgio Paulo Rouanet (1993) focaliza a questão do “mal-estar”, manifestado sempre na modalidade de ressentimento contra a civilização e que, em meio à avalanche de mudanças ocorridas no século XX, passou a se insurgir cada vez mais ostensivamente contra o jugo da razão, referência básica dos ideais iluministas herdados pelo cientificismo vigente desde os Oitocentos. Rouanet, nas pegadas do pensamento freudiano, defende a grandiosidade da razão, embora discuta sua precariedade, hoje reconhecida, mas outrora e mesmo ainda nos dias atuais, elevada à condição de soberana absoluta na conquista da verdade:

Filogeneticamente, a razão é uma aquisição recente, uma recém-chegada no longo itinerário da hominização. Ontogeneticamente, a razão é um simples verniz na superfície do córtex, associada a uma forma de funcionamento da vida psíquica [...] A razão é orientada pelo princípio da realidade, mas também este é uma simples metamorfose do princípio do prazer, a substituição de uma descarga imediata mas disfuncional por uma gratificação diferida mas segura. Em termos tópicos, a razão é a atividade por excelência do Ego, mas o próprio Ego está em parte sujeito aos processos primários, só em parte o Ego opera conscientemente.<sup>1</sup>

A precariedade da razão torna-a vulnerável a todo tipo de regressão, se bem que, para Rouanet, já está inscrita, na história da espécie, essa possibilidade para regredir a fases em que o Superego ainda não atuava no seu papel de cúmplice da lei para bloquear a expansão do prazer:

A regressão a estágios infantis, anteriores à consolidação dos processos secundários, é facilitada pela vulnerabilidade do Ego [...]. Mas além de fácil, essa regressão é ardentemente desejada, porque é uma fonte de prazer. A remoção dos entraves que a ontogênese impôs aos processos primários é prazerosa. O prazer resultante da suspensão da barreira da inteligência é buscado no sonho, volta periódica ao paraíso perdido da infância, e no humor, em que o pensamento volta ao passado mais remoto, para recuperar o prazer infantil com a brincadeira.<sup>2</sup>

Devido à dificuldade ou quase impossibilidade de educar a natureza pulsional do ser humano, é sempre constante a nostalgia do tempo arcaico da horda (ponto de vista filogenético) ou da fase em que a criança ainda estava ligada ao corpo materno (ponto de vista ontogenético). Em resumo, o ser humano está sempre às voltas com

---

<sup>1</sup> Rouanet, 1993, p. 104.

<sup>2</sup> Id., p. 105.

o impulso desejante de ultrapassar as barreiras repressoras e reviver a descontração da época na qual as proibições não se achavam internalizadas e o Superego ainda não tiranizava o Ego com o sentimento de culpa advindo da transgressão.

No famoso ensaio *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1977, v. VIII), Freud trata de um dos meios mais eficazes para o inconsciente abrir caminho e escapar dos freios da repressão. Por fugir aos propósitos deste artigo, não vou discutir o problema da tradução do vocábulo alemão *witz* por chiste [Renato Mezan (1987), optou por frase de espírito], nem pretendo levar em conta sua diferença frente ao significado de anedota. Para o enfoque da vida marginal dos vagabundos e das prostitutas e seu descomprometimento relativo aos tabus da sociedade, a questão que me interessa enfatizar é a importância do prazer e do riso para a economia do aparelho psíquico. No contexto androcêntrico, ambos foram abominados, durante séculos, devido à sua ação desorganizadora dos padrões convencionais do mundo regido pelo autoritarismo dominador. Na Idade Média, a poderosa Igreja Católica proibia o prazer, cuja descontração entrava em choque com a moral pregada e apregoada. No Renascimento, ocorreu o afrouxamento das rédeas, criando-se até um espaço para a prática hedonista, mas, bem posteriormente, o regime capitalista, obcecado pela idéia do lucro a qualquer preço, retomou o férreo controle e marchou de acordo com suas ideologias direcionadas para o crescimento ilimitado, alijando tudo que punha em risco o acúmulo da riqueza.

Freud explica a atuação dos chistes no interior da complexidade psíquica: "Tornam possível a satisfação de um instinto (seja libidinoso ou hostil) face a um obstáculo. Evitam esse obstáculo e assim extraem prazer de uma fonte que o obstáculo tornara inacessível" (1977, v. VIII, p. 121). Mais adiante, Freud afirma que, desde a infância do indivíduo e da civilização, "os impulsos hostis contra o nosso próximo têm-se sujeitado às mesmas restrições, à mesma progressiva repressão, quanto nossas tendências sexuais" (1977, v. VIII, p. 122). Assim, da mesma forma que o sonho ou o ato falho, o chiste "evitará as restrições e abrirá fontes de prazer que se tinham tornado inacessíveis." (1977, v. VIII, p. 123).

O grande trauma no desenvolvimento do indivíduo e do gênero consiste na irresistível pressão externa que obriga à superação do prazer narcísico das origens. Mesmo que o princípio da realidade se

imponha, não consegue abolir a memória do tempo arcaico no qual os processos psíquicos buscavam unicamente a satisfação pulsional. Essa memória, que ficou para sempre inscrita nas dobras do inconsciente, nunca deixa de acionar meios para irromper da prisão, no desejo de resgatar o deleitoso prazer perdido. Freud, referindo-se ao ser humano em sua condição de incansável buscador de prazer, afirma que “qualquer renúncia de um prazer já desfrutado, é dura para ele” (1977, v. VIII, p. 149).

Os vagabundos e as prostitutas, na medida em que não se enquadram nos moldes convencionais de controle, experimentam uma liberdade mais ou menos próxima das estratégias do princípio do prazer que, diga-se de passagem, não poderia ser vivido integralmente na vida adulta, sob pena de destruir o indivíduo e sua comunidade.

Apesar de ardoroso partidário do progresso, o pensamento pessimista de Freud via a condição humana marcada por irremediável infelicidade, atribuída, entre outras causas, à repressão imposta pela civilização, além do recalque dos conteúdos psíquicos vedados pelo Superego e armazenados no Id. Paradoxalmente, ele chega mesmo a admitir que seríamos mais felizes se voltássemos às condições primitivas.

Jorge Amado não precisa discutir essas questões teóricas para defender o prazer e o riso, numa postura que o avizinha da liberdade oferecida pela natureza.

Nenhum de nós poderá esquecer *Quincas Berro d'Água* (Amado, 1958) que, depois de haver vivido inteiramente dentro dos rigorosos padrões exigidos de um exemplar chefe de família e de um funcionário público exemplarmente cumpridor de seus deveres, ao se aposentar, torna-se um boêmio gozador, “cachaceiro-mor de Salvador”, “rei dos vagabundos”, “rei do meretrício”.

Vadinho (Amado, 1966), o primeiro marido de *Dona Flor*, é outro caso de comportamento vagabundo, irreverente, mulherengo, jogador, caloteiro, totalmente à margem do modelo tradicional que ele choca e escandaliza com seu riso debochado.

Bakhtine (1973), no seu fundamental estudo sobre a cultura cômica medieval e renascentista, apresentou novos ângulos de enfoque para uma melhor compreensão do riso e da festa. A carnavalização transpõe o espírito da festa para a literatura que cultiva o humor, onde se inverte a ordem estabelecida oficialmente. Distancian-

do-se da elitista visão clássica, o autor russo valoriza a literatura carnalizada, originária do riso espontâneo do povo, presente ora mais, ora menos em obras que exploram o cômico, antes considerado em segundo plano. Num artigo que publiquei sobre a carnalização na obra de Jorge Amado, observei:

A tendência carnalizante, tomada no sentido mais amplo, valoriza os elementos transgressores do sistema e absorve os marginais, desde os malandros e os moleques até as prostitutas, numa ostensiva oposição às virtudes do herói tradicional. Muitos protagonistas das obras de Jorge Amado situam-se nesta linha carnalizante, possuídos de desejo irrefreável de liberdade, fazendo pouco da hierarquia e sem maiores cuidados relativos ao sublime e à ética tradicional.<sup>3</sup>

Em *Jubiabá* (Amado, 1935), pertencente ao ciclo dos seus romances proletários, o escritor já havia encenado situações condenadas pelo sistema, a começar pela valorização do negro, primeiramente representado pela personagem que dá nome ao livro, sumo sacerdote do candomblé, além de Antônio Balduino, que fora moleque de morro, mendigo, sambista, cachaceiro, campeão no jogo de capoeira, artista de circo, fazendo ecoar por todo o romance sua gargalhada livre. Quando se tornou proletário, aderiu à greve e se fez líder do movimento.

A título de exemplo de que o espírito da festa constitui o elemento estruturador do romance amadiano, basta pensar que a própria tensão do movimento grevista se dilui em clima de festa, conforme consta em *Jubiabá*, "com a greve que paralisou os bondes, a cidade ficou festiva" ou nos *Capitães da areia*, "É uma coisa bonita a greve, é a mais bela das aventuras... É como uma festa... A greve é a festa dos pobres. Uma voz que convida para a festa da luta. Que é como um samba alegre de negro, como o ressoar dos atabaques nas macumbas."<sup>4</sup>

Cumprе lembrar que o riso e a festa na obra do escritor baiano se acham sempre em tensão com o sério oficial, sobre o qual também acaba recaindo o riso, através da intenção de, satiricamente, ridicularizar as personagens e a situação em foco. Os meninos de rua, os cangaceiros e os grevistas estão envolvidos na mesma aura de grandeza contraposta à mesquinhez tacanha dos policiais e dos representantes da lei.

---

<sup>3</sup> Parente Cunha, 1984, p. 184.

<sup>4</sup> Parente Cunha, 1984, p. 185-6.

No inconsciente coletivo, conservam-se vestígios ou desejos ou fantasias do tempo paradisíaco dos primórdios, quando a humanidade vivia a plenitude da integração com a natureza. O mito do eterno retorno, presente em culturas de todo tempo e lugar, se desdobra no desejo de recuperar as vivências do mundo natural.

Consciente ou inconscientemente, os indivíduos desejam e procuram libertar-se do arsenal de proibições que bloqueiam o fluxo do prazer. Para muitos, esse propósito não passa de utopia. Jorge Amado, ao criar personagens que vivem o prazer sem culpa, leva seus leitores a um processo denominado por Freud identificação, segundo o qual, de alguma forma e ao menos por instantes, através da fantasia, eles se liberam das amarras tradicionais. É o caso de *Quincas Berro d'Água*, *Vadinho*, *Antônio Balduino*. Eles vivem livremente por terem dado de ombros para as coações e as hipocrisias das convenções sem mais suporte do que meras aparências para as pessoas mostrarem o que não são, escondendo o que de verdade são.

Renato Mezan, valendo-se do conceito freudiano sobre o riso, afirma tratar-se de “uma descarga motora, para cuja efetuação é necessária uma certa soma de energia psíquica. [...] A soma de energia necessária para desencadear o riso provém do levantamento da repressão” (Mezan, 1987, p. 121). Aqui Mezan se refere à frase de espírito ou chiste, mas o processo é equivalente, quando está em questão a alegria boêmia de um *Quincas Berro d'Água* ou de um *Vadinho* que riem sempre porque vivem liberados dos mecanismos da censura, da repressão e do recalque. Por outro lado, as beatas, por exemplo, que costumam freqüentar os romances de Jorge Amado, devido ao peso da censura que carregam, não conseguem efetuar o levantamento das exigências repressoras do seu psiquismo e em geral não sabem rir.

De acordo com o pensamento binário da sociedade androcêntrica, o homem se situa no centro, enquanto a mulher faz parte da alteridade periférica. Cito Rosiska Darcy de Oliveira (1993) que recua a tempos pré-históricos a fim de apontar a diferença:

Para o homem a mulher é, antes de mais nada, a outra, um outro, muito mais que a parceira; essa estranheza se exprime nos sistemas simbólicos e de representação e se realimenta, reforçando a fronteira intransponível que separa saberes e fazeres de homens e mulheres.

Arcaico, intocável, o desenho dessa fronteira acompanha a filogênese, seu traçado se perde lá onde caça e colheita, ao se diferenciarem, transformam diferenças biossociais [...] em diferenças no estar no mundo, cada sexo se especializando em uma determinada relação com o meio ambiente.<sup>5</sup>

O “eterno feminino”, rejeitado hoje pelos estudos de gênero, mas celebrado pelos poetas através dos séculos, fundiu num mesmo todo a mulher e a natureza, deixando essa união mítica permanecer para sempre no imaginário da humanidade. Sob essa ótica, segundo Rosiska Darcy de Oliveira (1993, p. 30), as mulheres se acham mais perto da natureza selvagem que da “paisagem humanizada”.

O simbolismo da união mulher-natureza expressa a tendência humana para buscar a totalidade una e retornar ao paraíso fusional, antes da separação do todo unitário vivido no útero materno. Em consonância com as organizações filogenética e ontogenética, o adulto conserva o desejo inconsciente de se unir à mãe e à natureza, portanto, desejo de recuperar o prazeroso narcisismo primário das origens.

As narrativas míticas, encontradas em toda parte sob formas variantes, dão destaque à Terra Mãe, dotada de poder gerador de todos os seres. Fomos apartados da plenitude vivida no seio da Mãe Natureza para cairmos nas garras de uma civilização de conflitos, cerceamentos, ameaças e terror, onde cresce a nostalgia do Éden perdido.

Várias personagens femininas de Jorge Amado se tornaram famosas por terem deixado falar alto a arcaica e presente sempre, embora às vezes inaudível, voz da natureza. Essa ligação da mulher com o mundo natural em parte explica sua tendência transgressora e o lugar social, em segundo plano, que ocupou no regime patriarcal, reforçado pelo relato bíblico sobre a perda do paraíso. Angélica Soares (1999, p. 100) resume bem a questão: “O domínio masculino passa a se justificar e a ser vivenciado pela mulher cristã como castigo pelo pecado, que envolve culpa e sexo. [...] A moral sexual cristã veio historicamente sustentando a negatividade do prazer físico e da sexualidade”.

A partir da década de 60, graças aos movimentos de vários segmentos sociais que se insurgiram contra o autoritarismo das relações de poder, os modos de pensar e agir começaram a passar por mudanças radicais, mas, até há pouco tempo atrás, as mulheres viveram prisioneiras do discurso patriarcalista que as discriminava e as

<sup>5</sup> Oliveira, 1993, p. 30.

queria submissas e obedientes. No entanto, cumpre lembrar que, mesmo no auge da dominação, elas sempre encontraram meios para driblar as regras, tornando-se transgressoras e consideradas pela hegemonia masculina pouco fiéis aos compromissos com a lei. De alguma forma, a civilização vinha confirmar as versões míticas da relação da mulher com a natureza.

Ao investigar o lugar social da mulher no contexto falocêntrico, a psicanalista Maria Rita Kehl opera uma reviravolta no conceito que antes era objeto de desdém, acolhendo-o e descobrindo os valores da transgressão:

Também acabamos por gostar da idéia de que possuímos uma sexualidade e uma afetividade insubmissas, desorganizadoras do pacto civilizatório, como escreveu o fundador da psicanálise em textos bastante conhecidos [“O mal-estar na civilização”, “A feminilidade”]. Se “eles” são os portadores da lei (e, aparentemente, os primeiros beneficiários do código da cultura), nós somos da transgressão: é nosso o lugar do prazer, do “desregramento dos sentidos”, da rebeldia.<sup>6</sup>

As mais célebres criações femininas de Jorge Amado desafiam a rigidez da ordem falocêntrica e revelam a relação da mulher com a natureza, sobretudo no que tange à sexualidade insubmissa. *Dona Flor* (Amado, 1966) não era prostituta, mas seu erotismo a empurrava para o pólo da infração. Filha obediente e cumpridora de suas obrigações profissionais de professora de arte culinária, deixou-se arrastar pela torrente de prazer proporcionada pelos ímpetos de Vadinho que a levavam a um mundo sem barreiras. Por outro lado, após a morte do marido, sentiu-se atraída pela segurança que lhe oferecia a seriedade do circunspecto Dr. Teodoro Madureira, mas a estreiteza meticulosa e a monotonia dos detalhes e escrupulos, impediram Dona Flor de se sentir feliz no novo casamento. A ordenação daquela vida disciplinada era o oposto do mundo caótico de Vadinho. Apesar de nada lhe faltar, era como se Dona Flor se sentisse morta na coagulação da rotina e ansiasse pela seiva vital da irresponsabilidade malandra que animava sua sensualidade de mulher. Por isso, acolheu a volta fantasmática de Vadinho, símbolo da liberdade e do prazer incompatíveis com qualquer lei. As duas principais personagens masculinas do romance são emblemáticas de situações antagônicas, caracterizadas pelo excesso no que diz respeito ao velho e pelo discutido binômio natureza-civilização.

---

<sup>6</sup> Kehl, 1996, p. 57.

Enquanto Dona Flor, na medida em que vivia na cidade, se bem que em bairro de gente simples, estava mais perto das convenções, *Tieta* (Amado, 1977) passou sua meninice e adolescência num ambiente onde a natureza agreste incitava sua libido ferosa até que, perdendo a virgindade, foi expulsa de casa pelo pai e se tornou prostituta. Muitos anos depois, ao retornar ao antigo lar com ares de grande dama, bela e rica, ninguém desconfiava do seu ofício de dona de bordel, mas seu descompromisso com as convenções em nome da satisfação dos impulsos naturais acabaram revelando sua verdadeira condição.

O que se evidencia na liberdade dessas personagens é, além da sua vocação para o prazer, a total ausência do sentimento de culpa. Sinal de que estão longe da tirania do Superego castrador, que castiga o Ego transgressor. Elas simplesmente se entregam aos seus desejos e impulsos, movidas por uma secreta força da natureza. As histéricas, que deram início às descobertas da psicanálise, foram parar no consultório do Dr. Sigmund Freud em consequência da repressão e do recalque de seus desejos e impulsos naturais, em nome das convenções. De modo geral, é devido às proibições, impostas pelos códigos, que muitos afirmam que no mundo civilizado todos são neuróticos. Ou melhor, quanto maior o nível civilizatório, mais grave o grau das neuroses coletivas. As personagens de Jorge Amado que seguem seus instintos são saudáveis, uma vez que vivem livremente o que sua natureza reclama.

Quanto a *Teresa Batista* (Amado, 1972), embora no íntimo desejasse ser fiel a um homem só, foi levada à prostituição por injunções circunstanciais, depois de muito sofrimento. O romance narra as vicissitudes de sua vida de luta que se passa numa alternância entre o prostíbulo e o relacionamento individual com um único homem, porém, em ambas situações, libera seu desejo de mulher e o vigoroso fluxo libidinal. Várias vezes sendo obrigada a ganhar a vida num bordel, se comportava sempre à maneira de guerreira valente e generosa, cuidando de doentes, enterrando mortos e brigando com quem se atrevesse a maltratar uma mulher, além de ter liderado uma greve das prostitutas, em reação contra uma medida do prefeito que as prejudicaria.

A personagem mais conhecida dessa instigante galeria é *Gabriela* (Amado, 1961) que inaugurou uma nova fase do escritor, através do tratamento mais afoito do erotismo feminino. A trama se

passa nos anos 20, em Ilhéus, cidade baiana que se orgulhava da riqueza proveniente das fazendas de cacau. Gabriela vivia na total ignorância das regras daquela sociedade formada por *nouveaux riches*, preocupada com a ostentação, e esforçando-se para se inserir nos padrões do “impetuoso progresso”. Esse propósito levava fatalmente a um amontoado de convenções e convencionalismos que redundavam numa escravizante vida de fachada e falsos valores. No entanto, Gabriela, esplendorosamente livre, apenas seguia as demandas instintuais de sua libido ávida de prazer. Por isso mesmo atiçava o desejo de toda a população masculina e o despeito da representação feminina local.

Conforme afirmei em outra ocasião (Parente Cunha, 1997), Gabriela representa o feminino confundido com a natureza e seu misterioso poder oculto. Mesmo as mulheres submissas que viveram e ainda vivem dominadas pela lei do regime patriarcal, no imaginário dos homens guardam a perigosa aliança com a natureza, devido a uma força virtual para subverter o estabelecido, movidas interiormente por critérios que nem sempre se coadunam com as estruturas legais e lógicas dos mecanismos de dominação.

Gabriela sabe liberar a força transgressora, sem sequer distinguir as noções de certo e errado que pautam a moral humana. Gabriela se mantém fiel ao cumprimento dos impulsos que a natureza lhe desperta. Vivia feliz como cozinheira do turco Nacib que, apaixonado, casa-se com ela, querendo educá-la de acordo com os parâmetros do casamento burguês da época e transformá-la “numa senhora distinta, da alta roda”. Os pés descalços ou de chinelos da menina cravo e canela não se sujeitam aos saltos altos que, como a Senhora Saad, deveria usar. Nem cabe nos seus ouvidos a formalidade dos discursos nem sua cabeça entende a regra que dá aos homens o direito de ter muitas mulheres e exige que estas só pertençam a um homem. Sem ter a mínima noção do que convinha ao seu estado de casada com um comerciante que se queria próspero, Gabriela se entedia, sente-se infeliz e trai o marido. Depois de anulado o casamento, ela recupera a alegria de viver, ao voltar à condição de simples cozinheira de Nacib, o que lhe dava liberdade para ser o que realmente era na sua verdade, sem os falsos brilhos das mentiras por conveniência que imperavam nos salões.

O fascínio de Gabriela entre os homens de Ilhéus, ou entre os leitores de todo o mundo, está na misteriosa força que a integra à vitalidade do mundo natural.

A extensa obra de Jorge Amado possui o secreto encanto de nos transportar para o mágico mundo ancestral de contato com a natureza, onde não há limites para a alegria e o gozo. Tão identificada com a realidade baiana, essa obra encena características da mulher e do homem brasileiros, projetando-se em dimensões que também revelam arcanos universais do ser humano.

### Referências

- AMADO, Jorge. *Jubiabá*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- \_\_\_\_\_. *Mar morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- \_\_\_\_\_. *Capitães de areia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.
- \_\_\_\_\_. *A morte e a morte de Quincas Berro d'água*. Rio de Janeiro: Martins, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Gabriela, cravo e canela*. 22. ed. São Paulo: Martins, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Dona Flor e seus dois maridos*. Rio de Janeiro: Martins, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Teresa Batista cansada de guerra*. Rio de Janeiro: Martins, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Tieta do Agreste, pastora de cabras ou A volta da filha pródiga*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.
- BAKHTINE, Mikhail. *L'oeuvre de François Rabelais et la culture populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*. Poitiers: Gallimard, 1973.
- BAUMAN, Zygmunt. *Mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. 24 vol.
- \_\_\_\_\_. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (*Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas.*) v. VIII.
- \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 13-71. (*Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas.*) v. XXI.
- \_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 75-171. (*Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas.*) v. XXI.
- JA, Km 70. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 74, jul.- set., 1983.
- KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MERQUIOR, José Guilherme. *Saudades do carnaval: introdução à crise da cultura*. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

MEZAN, Renato. *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1993.

CUNHA, Helena Parente. A literatura carnavalesca de Jorge Amado. In: SOARES, Angélica (Org.). *Perspectivas. Ensaios de Teoria e Crítica*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1984. p. 183-189.

\_\_\_\_\_. Ecologia: um retorno que mobiliza o avanço: considerações sobre o relacionamento mulher-natureza. In: SOARES, Angélica. (Org.). *Ecologia e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992. p. 77-92.

\_\_\_\_\_. Em busca do prazer perdido. *Revista Tempo Brasileiro*, n. 121, Rio de Janeiro: p. 125-130, 1995.

\_\_\_\_\_. *Mulheres inventadas 1: visão psicanalítica, descompromissada e interdisciplinar de textos na voz masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

ROUANET, Sérgio Paulo. *O mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, Angélica. *A paixão emancipatória*. Rio de Janeiro: Difel, 1999.

